



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
Coordenação de Ciências Humanas
Centro de Pinheiro

RAIMUNDO RODRIGUES CANIDÉ

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE A FORMAÇÃO HISTÓRICA
DO POVOADO MONTES CLAROS, PINHEIRO-MA**

Pinheiro

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
Coordenação de Ciências Humanas
Centro de Pinheiro

RAIMUNDO RODRIGUES CANIDÉ

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE A FORMAÇÃO HISTÓRICA
DO POVOADO MONTES CLAROS, PINHEIRO-MA**

Monografia apresentada à Coordenação de Licenciatura em Ciências Humanas do Centro de Pinheiro, da Universidade Federal do Maranhão, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas – Habilitação em História.

Orientador: Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro.

Pinheiro

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

CANIDÉ, Raimundo Rodrigues.
MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO
POVOADO MONTES CLAROS, PINHEIRO-MA / Raimundo Rodrigues
CANIDÉ. - 2022.
55 p.

Orientador(a): Dimas dos Reis RIBEIRO.
Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
História, Universidade Federal do Maranhão, PINHEIRO,
2022.

1. História. 2. Memórias. 3. Montes Claros. 4.
Narrativas. 5. Pinheiro-MA. I. RIBEIRO, Dimas dos Reis.
II. Título.

RAIMUNDO RODRIGUES CANIDÉ

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE A FORMAÇÃO HISTÓRICA
DO POVOADO MONTES CLAROS, PINHEIRO-MA**

Monografia apresentada à Coordenação de Licenciatura em Ciências Humanas do Centro de Pinheiro, da Universidade Federal do Maranhão, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas – Habilitação em História.

Orientador: Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro (Orientador)
Doutorado em Serviço Social
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Patrícia Carla de Melo Martins (UFMA/ Pinheiro)
Doutorado em História
Universidade Federal do Maranhão

Profa. M.^a. Alessandra Cristina Costa Monteiro
Mestrado em História
Secretaria de Estado da Educação do Maranhão (SEDUC-MA).

Dedico este trabalho a todos aqueles que me acolheram e proporcionaram a minha integração na sociedade de que faço parte.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de viver.

À minha família, por ser o espaço de interação com a sociedade.

À minha esposa e filhos pela compreensão e por ceder espaços, que seriam dedicados a eles, mas que foi tudo em prol de uma causa nobre.

À Universidade, através dos professores, em especial, o meu orientador. Aos servidores e colegas de turmas que proporcionaram um ambiente de convívio acadêmico.

Às pessoas, tanto intelectuais quanto “comuns”, pela oportunidade de cruzar seus caminhos e subtrair alguma experiência de vida; seja pelo conhecimento empírico, nos exemplos, ou científico, através das obras consultadas.

RESUMO

Pertencente à cidade de Pinheiro, Montes Claros é um povoado que, apesar dos desafios enfrentados como qualquer outra comunidade, possui suas peculiaridades que o torna único e importante para seus moradores. O modo de vida de seus habitantes ainda evoca um passado não muito distante, mas que, aos poucos, algumas práticas culturais e modos de fazer as coisas vão se distanciando de suas origens. Esta pesquisa buscou compreender como se deu a formação histórica da localidade, resgatando as memórias e ouvindo as narrativas de seus moradores. Para chegar a alguma conclusão, optamos por entrevistas orais não estruturadas com os moradores, principalmente os idosos, e utilizamos a observação participante ao longo da investigação. Além disso, fizemos anotações de campo; buscamos por embasamento teórico, através de consultas bibliográficas sobre a temática. Quanto aos resultados obtidos, entendemos que há um direcionamento condizente com a hipótese levantada, mas que precisa ser mais desenvolvida com narrativas e documentações oficiais, em uma investigação mais complexa, pois há fusão de várias famílias que deram forma àquele povoado, além do mais, tem-se a preocupação com o desaparecimento natural de suas fontes orais.

Palavras-Chave: História. Memórias. Narrativas. Montes Claros. Pinheiro-MA.

ABSTRACT

Belonging to the city of Pinheiro, Montes Claros is a thorp that, despite the challenges faced like any other community, has its peculiarities that make it unique and important for its residents. The way of life of its inhabitants still evokes a not-too-distant past, but that, little by little, some cultural practices and ways of doing things are distancing themselves from their origins. This research sought to understand how the historical formation of the locality took place, rescuing the memories and listening to the narratives of its residents. To reach some conclusion, we opted for unstructured oral interviews with the residents, especially the elderly, and we used participant observation throughout the investigation. In addition, we took field notes; we searched for theoretical basis, through bibliographical consultations on the subject. As for the results obtained, we understand that there is a direction consistent with the hypothesis raised, but that it needs to be further developed with official narratives and documentation, in a more complex investigation, as there is a fusion of several families that shaped that community, in addition, there is concern about the natural disappearance of its oral sources.

Keywords: History. Memoirs. Narratives. Montes Claros. Pinheiro-MA

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Povoado Montes Claros.	24
Figura 2: Pés de carnaúba.	30
Figura 3: Casa de forno.	31
Figura 4: Criação de aves e porcos.	32
Figura 5: Ninho de galinha d'angola encontrado durante a pesquisa.	34
Figura 6: Festa de São Francisco – Padroeiro.	35
Figura 7: Cemitério da Comunidade – Dia de Finados.	37
Figura 8: Peixes sendo consertados (tratados).	41
Figura 9: Tijupá – jirau – pesqueiro.	43
Figura 10: Pescadora quebrando tucum, para retirar o “bicho” para pescar.	44
Figura 11: Pesca com socó (choque) e tarrafa.	46
Figura 12: Cardumes de Curimatá visto na superfície.	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Relação das fontes entrevistadas.	26
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IOCS	Inspetoria de Obras Contra as Secas
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Histórico	15
2.2 Concepções de História e Memória	18
3 METODOLOGIA	22
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
4.1 Localização	24
4.2 Identificação das fontes entrevistadas	26
4.3 Primeiros moradores	27
4.4 Atividades econômicas	29
4.5 Atividades culturais	32
4.6 Outras narrativas	38
4.7 Atividade pesqueira no Igarapé Açude	40
4.7.1 Pescaria com Anzol	42
4.7.2 Planejamento	42
4.7.3 Pesqueiro	45
4.7.4 Invasão do Açude	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE	53

1 INTRODUÇÃO

A humanidade, ao longo de sua história, tem experimentado constantes mudanças e alterações de comportamentos. Isso ocorre devido à própria evolução natural do ser humano, pois precisa se adaptar às mais variadas condições de sobrevivência, e, com isso, garantir seu espaço no ambiente em que vive. A dinâmica evolutiva vem se estendendo há milênios e deixando um rastro de atividades na história do homem – domesticação de animais, criação de ferramentas e armas, aperfeiçoamento da agricultura, construção de cidades, impérios, sociedades complexas; isso atrelado aos compartilhamentos culturais, modos de fazer; à movimentação dos homens de um lugar para outro, seja por aspectos exploratórios ou por imposição da natureza, através de catástrofes, pestes ou secas. Ao se deslocarem, criam-se incertezas nas pessoas, pois vários lugares são encontrados no decorrer de sua jornada migratória.

A falta de estabilidade em determinado local, pode provocar graves problemas sociais, inclusive de identidade, como ocorreu durante a escravização indígena e dos povos africanos, que foram arrancados bruscamente das suas terras de origem e tiveram que conviver em ambientes estranhos, além de receber uma cultura e religião diferentes das suas.

Ao migrar de um lugar para outro, levam-se animais, objetos, fotografias, experiências, saudades, lembranças, memórias, narrativas e esperanças de um dia retornar, mesmo que seja para recordar do passado ali vivido. Toda uma bagagem é preparada para a viagem, porém, muitas coisas não podem ser levadas, somente conservadas nas memórias daqueles que estão se retirando, pois, se não forem repassadas para as próximas gerações, estarão fadadas ao falseamento narrativo e ao próprio esquecimento, apontado por Le Goff (1990), pois fatores humanos – idade, doenças do envelhecimento, interferências psíquicas e outros males – tendem a *deletar* verdades de um determinado acontecimento.

Pensando nessa possibilidade, de perda de narrativas das experiências empíricas vividas pelos moradores de Montes Claros; observando o desaparecimento natural de seus moradores mais idosos; atrelado pelo contato do espaço acadêmico, especialmente motivado pelas cadeiras de História e Sociologia, onde foi possível, no primeiro período do curso, a elaboração de um trabalho etnográfico sobre a comunidade, criou-se a expectativa de contar a história desse povoado, através das memórias e narrativas de seus habitantes, em uma procura pretérita das origens desse povoamento.

Para concretizar essa pretensão, partiu-se do questionamento de como os relatos de memórias dos moradores pudessem construir uma narrativa de formação histórica desse

povoado, onde, através de coletas prévias de informações obtidas na comunidade, quando da realização do trabalho etnográfico, foi perceptível que condicionam suas estadias no lugar a fatos vividos pelos seus antepassados, em momentos de obstáculos naturais, como, grandes secas, que fizeram com que várias levadas de pessoas fugissem do Nordeste do Brasil em busca de sobrevivência.

Diante dos relatos obtidos, foi possível elaborar uma hipótese em que as grandes dificuldades e desafios enfrentados pelos imigrantes cearenses, em busca de uma vida melhor em outros estados e a esperança de encontrar uma terra fértil, estão presentes nas memórias dos moradores mais velhos de Montes Claros, constituindo uma narrativa sobre a formação histórica dessa comunidade.

Como objetivo geral desta pesquisa, tem-se a construção de uma narrativa de formação desse povoado, a partir dos relatos contados por seus moradores, em especial, os mais idosos. Para chegar a esse objetivo, utilizamos de entrevistas orais não estruturadas, observação participante e anotações de campo, com o propósito de extrair informações relevantes para o desenvolvimento deste trabalho. Com esses elementos em mãos, foi elaborado este documento acadêmico.

Como a memória possui polifonia nos mais variados segmentos sociais, e há, através de organismos internacionais¹, pré-disposição legal para o resgate de culturas, até então renegadas ao passado, convém justificar o presente trabalho, pelo fato de buscar informações sólidas e relevantes para a construção da história de formação do Povoado Montes Claros, já que o mesmo ainda não possui uma narrativa documentada que possa transmitir para as próximas gerações o legado de seus antepassados e os mais idosos, que guardam em suas memórias informações preciosas, estão, aos poucos, desaparecendo, pois quando a informação oral for transposta “para a forma escrita, [...] ganha materialidade documental, condição que legitima a mudança de uma situação abstrata, solta, para outra, material” (MEIHY, 2020, p. 31) . Além do mais, saber a origem e trajetória de uma determinada comunidade, tem a sua importância, pois há um acréscimo de elementos identitários que irão se somar a outros, na formação de uma nação.

O trabalho intelectual exige o compartilhamento de informações, ao longo do processo de construção do conhecimento. A base teórica é fundamental para a consolidação desse processo. A presente pesquisa procurou ser embasada nos conhecimentos adquiridos ao longo do curso; nas diversas leituras propostas pelo orientador como: livros, artigos, publicações,

¹ UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, possui o programa Registro da Memória do Mundo, com vistas a preservar documentos que compõem o patrimônio da humanidade.

dentre outros, que foram essenciais para o desenvolvimento desta monografia. Optamos, a princípio, por fazer uma abordagem mais resumida da obra: História e Memória, do historiador francês Jacques Le Goff, por conter uma certa cronologia da memória ao longo do processo de construção das sociedades. Também, procuramos ouvir outros autores sobre a temática.

Quanto aos procedimentos metodológicos, foi necessário, em um primeiro momento, buscarmos organizar o projeto de pesquisa, cuja temática seria relevante para a sociedade. Munido de um trabalho etnográfico e um horizonte aberto, buscou-se embasamento teórico e leituras necessárias, de acordo com instruções recebidas pelo orientador. Em seguida, partiu-se para a pesquisa de campo, onde dados foram coletados, através de entrevistas orais, observação participante e anotações de campo.

Sobre a observação participante, foram feitas visitas programadas e não programadas no decorrer da construção da pesquisa. Visitamos o cemitério da comunidade, pois esse espaço traz muitas informações sobre o povoado e seus habitantes. Participamos de pescarias diurnas e noturnas, principalmente no igarapé Açude, que tem um grande valor simbólico e econômico para os moradores. Ainda buscamos por lugares considerados importantes para a coleta de dados, como: casas de forno, roças, taperas e poços.

Por fim, com os dados consolidados, foram feitas as devidas análises e discussões dos resultados obtidos durante a pesquisa, tentando extrair a técnica mais eficaz, que viesse a compreender as informações coletadas, tanto no acervo oral quanto nas mensagens gestuais e até mesmo silenciosas dos entes envolvidos na pesquisa. De posse dos materiais coletados, partiu-se para a redação, normatização e a devida revisão, onde foi preparada toda a pesquisa para a sua defesa junto à banca examinadora. Tudo isso, em um cronograma previamente estabelecido.

O presente trabalho está dividido em cinco capítulos, a começar por esta introdução, seguida do capítulo dois, que traz o embasamento teórico sobre a temática. Na sequência, tratamos da metodologia aplicada na pesquisa. No Capítulo 4, optou-se pelos resultados e discussões, onde foram feitas as análises e interpretações dos dados coletados nas entrevistas, na observação participante e nas anotações de campo, de onde se tirou as devidas conclusões e, para encerrar as etapas da pesquisa, chegamos ao último capítulo onde foram feitas as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A história de um povo é construída pelas mais variadas formas e motivos. Não é estática nem oriunda de um simples processo narrado por observadores alheios ao cotidiano das pessoas envolvidas. Por vezes, através da interação dos indivíduos, relatos são contados, memórias evocadas, lembranças resgatadas e disponibilizadas para várias gerações, construindo, assim, uma narrativa condizente com a formação e características que identificam uma determinada comunidade.

História, memórias, narrativas, se entrelaçam. Ao se recompor lembranças, modos de fazer, vida cotidiana, tem-se a reconstrução de uma história, de um modo de vida, de experiências que se perpetuam através da renovação de suas fontes, que serão imortalizadas, pois “A história é a testemunha dos tempos, a luz da verdade, a vida da memória, a mensageira da velhice, por cuja voz não é recomendado senão a imortalidade do orador” (KOSELLECK, 2006, p.43).

2.1 Histórico

O historiador francês Jacques Le Goff, em sua obra: História e Memória (1990), reúne vários ensaios, trazendo uma abordagem conceitual sobre a temática. Neste primeiro momento, o que nos interessa são as questões que envolvem as memórias, tanto individuais quanto coletivas e, com base nesta obra, traçaremos um breve panorama da memória, ao longo do tempo.

Os relatos de memórias, juntamente com as narrativas, perfazem toda uma trajetória na história da humanidade, e, com o advento da escrita, as memórias coletivas tiveram uma grande transformação. Le Goff (1990) enfatiza que, através da epigrafia – ciência que auxilia a história – foi possível analisar achados arqueológicos, inscrições, manuscritos, obeliscos, estelas, pedras, mármores, sarcófagos e outros movimentos de perpetuação cultural que marcaram uma determinada época.

A Mesopotâmia, juntamente com o Egito Antigo, utilizavam-se de estelas – forma de perpetuar os feitos e ações imortalizadas de seus reis; seja contando vitórias em batalhas, seja relatando acontecimentos de deuses e heróis, tudo isso narrado em urnas funerárias, figuras ou representações.

Na Grécia Antiga, esses relatos tinham uma proposta metodológica e traziam variadas reflexões sobre a origem do homem. “Os antigos gregos consideravam a memória uma

identidade sobrenatural ou divina” (CHAUI, 2000, p. 159). Em Platão e Aristóteles, “a memória é um componente da alma” (LE GOFF, 1990, p.232). Os gregos criaram a deusa da memória: “*Mnemosine*, a recordadora, era divindade no panteão grego” (BOSI, 1987, p.47), era filha de Gaia e Urano; ao beber da água de seu poço, os mortos traziam à existência lembranças de suas vidas passadas. Tinha-se a intenção de tornar as lembranças perpétuas, pois “Nos templos, cemitérios, praças e avenidas[...] das cidades greco-romanas, havia [...] um esforço extraordinário de comemoração e de perpetuação da lembrança” (LE GOFF, 1990, p. 288).

A Antiguidade foi um período dominado pelas famílias, clãs, etnias, aldeias, muito ligado aos mitos que contam a origem de determinados acontecimentos. Os mais velhos tinham sua utilidade e eram responsáveis por transmitir os conhecimentos técnicos, práticos e a difusão do saber profissional. Se “venerava os velhos, sobretudo porque via neles homens-memória, prestigiosos e úteis” (LE GOFF, 1990, p. 236).

Durante o Império Romano, a memória tinha seu destaque no caráter moral, patriótico e utilitário. Ao longo da Idade Média, houve o retorno à perspectiva filosófica, transcendental e abstrata, onde a *escolástica* – movimento filosófico que procurou conciliar fé e razão explicando questões teológicas, sendo Tomás de Aquino um grande vulto desse período – traz uma nova dinâmica para a memória ocidental.

Nesse período, houve uma grande transformação na memória “folclórica” ou memória popular, pois com a disseminação da religião cristã, a Igreja assume as narrativas e monopólio intelectual, daí, se falar em “Cristianização da memória” (LE GOFF, 1990, p. 233), mostrando o homem próximo de Deus e, com isso, criam-se as chamadas “religiões da recordação” – notadamente o judaísmo e o cristianismo. Para impor esse domínio intelectual e controle da memória, a Igreja utiliza-se dos escritos sagrados, desde os livros bíblicos do Antigo quanto do Novo Testamentos.

Nos escritos do Antigo Testamento bíblico, tem-se o apelo do criador para a importância da conservação da memória e perpetuação das narrativas do povo. Esses apelos ou ordenanças, se propagam no decorrer do livro sagrado, sendo confirmado por Jesus Cristo, em seus ensinamentos públicos e aos discípulos que seriam incumbidos de perpetuar sua pregação. Um exemplo bem difundido no meio cristão é a última ceia, onde haveria redenção para o homem, quando lembrasse do Cristo: "Depois, pegando no pão, ele prestou graças, partiu-o e deu-o, dizendo: "Este é o meu corpo que vos é dado; fazei isto em minha memória" [Lucas, 22, 19] (LE GOFF, 1990, p. 234).

Essa disseminação cristã atravessou os séculos e ainda se faz presente nos cultos protestantes e missas católicas. Também há uma previsão escatológica que, de forma alguma

poderia abolir a memória da vida futura, pois no Evangelho de Lucas, ao registrar uma conversa entre Abraão e um homem rico, "Lembra-te que recebeste os teus bens durante a vida [16, 25]", (LE GOFF, 1990, p. 234), tem-se a percepção de que a memória será evocada para julgar o indivíduo por práticas pretéritas.

Com o Renascimento, as concepções de memórias, lembranças, vivências do passado e narrativas de um povo foi favorecido e explicado pelo antropocentrismo e humanismo seculares. Houve uma revolução na memória ocidental, visto que os processos de mecanização da escrita foram se propagando. A chegada da imprensa trouxe novas técnicas e práticas na disseminação da memória, pois o indivíduo tinha à sua disposição, uma gama de informações e experiências coletivas e individuais, ao ponto de explorar novos saberes que não estavam atrelados ao seu convívio social – tinha-se a possibilidade de acesso a diferentes culturas, através da “exteriorização progressiva da memória individual” (LE GOFF, 1990, p. 240).

Durante o Iluminismo, a própria história contada e multiplicada, teve como contraposição a afirmação da razão, pois variadas memórias reproduzidas, poderiam conter incertezas e deduções equivocadas do próprio orador, responsável pela continuidade dos relatos.

A memória ocidental, devido à disseminação da doutrina protestante e inúmeras agitações sociais e políticas ocorridas na Europa, particularmente entre os Séculos XVII e XVIII, começa a declinar e se torna *marginal*, pois sepulturas, cemitérios, culto aos mortos, começam a se esvaziar: “Os túmulos, incluindo os dos reis, tornam-se muito simples. As sepulturas são abandonadas à natureza e os cemitérios desertos e mal cuidados”. (LE GOFF, 1990, p. 243). Isso não perdurou por muito tempo, pois logo após à Revolução Francesa, houve um retorno às práticas cemiteriais; cultos em memória dos falecidos; incrementação de ritos quando da visita aos mortos. Um retorno ao centro das lembranças.

No Positivismo, todo o aparato de informações transmitidas precisava de uma certa documentação que veio a ser afirmada pelo marxismo como sendo uma dinâmica dialética entre a vida social e material, atestada, mais à frente, pela Escola dos Annales, que incorporou à narrativa vivida a reflexão dos acontecimentos presenciados pelo indivíduo, dando-lhes o seu devido valor.

A memória assume um outro papel revolucionário quando do surgimento da fotografia, onde são criadas verdades visuais, numa ação cronológica dos fatos e acontecimentos, que serão lembrados por muito tempo. O Século XX já traz uma mesclagem aprimorada da memória, que é traduzida em literaturas, dicionários, enciclopédias, álbuns e arquivos de família, monumentos e outros elementos que evocam as lembranças e dinâmicas sociais vividas anteriormente.

Por fim, no decorrer do processo de construção da memória – desde a transmissão oral, passando pela escrita, mecanografia, fotografia, e por derradeiro, as imagens, que ajudou a acentuar uma “metamorfose tecnológica”² (MEIHY, 2015, p. 106) – chegou-se a mais um período evolutivo da memória individual e coletiva, a memória eletrônica, onde máquinas recebem comandos, através de impulsos elétricos e guardam informações que podem ser acessadas quando necessário. Como diz Le Goff (1990), trata-se de uma memória mais estável, diferentemente dos homens que têm uma memória crítica, maleável e instável e que está conectada a um juízo racional.

Mais recentemente, temos o uso da memória através das novas tecnologias (TICs³), que vieram para ficar e revolucionar o modo de comunicação e interação entre os indivíduos, sociedades e culturas diversas. Essas tecnologias, permitem ao homem transitar em mundos reais, virtuais ou puramente imaginários.

No processo construtivo da memória temos que “A memória coletiva sofreu grandes transformações com a constituição das ciências sociais e desempenha um papel importante na interdisciplinaridade que tende a instalar-se entre elas” (LE GOFF, 1990, p. 248). Aqui temos a memória sendo tratada pela História, Psicologia, Filosofia, Antropologia, Biologia, Sociologia e conhecimentos afins, num encandeamento de relações comuns e que conversam entre si.

2.2 Concepções de História e Memória

Ainda utilizando-se da obra de Le Goff (1990), temos que a “história não é uma ciência como as outras”, ela pode assumir alguns conceitos:

[...] 'história' exprime dois, senão três, conceitos diferentes. Significa: 1) “procura das ações realizadas pelos homens” (Heródoto) que se esforça por se constituir em ciência, a ciência histórica; 2) o objeto de procura é o que os homens realizaram [...]. Mas a história pode ter ainda um terceiro sentido, o de *narração*. Uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na "realidade histórica" ou puramente imaginária (LE GOFF, 1990, p.11).

Com base nesse terceiro sentido da história, abordado por Le Goff (1990), o da *narração*, seria possível construir uma narrativa – mesmo sendo *falsa* ou *imaginária* – que fosse

² Toda a evolução dos aparelhos eletrônicos, desde as máquinas fotográficas, câmeras de filmagens, e mais recentemente os dispositivos portáteis, que possibilitam a interação entre as pessoas de diferentes culturas, onde podem compartilhar experiências, tudo isso, através das imagens, vídeos, sons, que podem ser acessadas em qualquer smartphone que esteja conectado à internet.

³ Tecnologias da Informação e Comunicação.

capaz de contar a história de formação de determinada comunidade, evocando as memórias e lembranças de seus membros que compartilham dos hábitos, vivências, aspectos culturais, perpetuando, assim, informações para as próximas gerações. Para Bosi (2003, p.15), “A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”. Logo, muitos eventos históricos não podem ser achados em documentos e existem, graças à sua conservação nas memórias “imortalizadas” dos indivíduos.

É sabido que não há unidade concernente ao conceito de memória, fato esse lembrado por Chauí (2000), pois a memória estaria condicionada à sua mera função biológica. Contudo, existem muitas abordagens de autores sobre a temática. No próprio Le Goff (1990, p.224), tem-se que “A memória [...], remete-nos a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

Nesse conjunto de funções psíquicas, existem, também, as “perturbações patológicas” (HALBWACHS, 1990, p.21), de ordem voluntária ou involuntária, mais ou menos graves e podem assumir conotações negativas ao ponto de comprometer a identidade coletiva. Rossi (2010, p. 30) pontua que “o fosso da perda da memória pode reduzir a nossa vida de indivíduos a uma série de momentos que não têm mais nenhum sentido”, seria, para o pensador “um homem sem passado (e sem futuro)”.

Em Delgado (2009, p. 9), citando Ferreira (2000), podemos verificar que a memória “é construção do passado pautada por emoções e vivências”. Para Chauí (2000, p. 161): “A memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança”.

Fazendo um apanhado de elementos que podem ser evocados pela memória do indivíduo, temos que Delgado (2009, p. 7), em seu artigo, onde cita Paul Thompson e Ferreira (2000), enfatiza que o indivíduo ao ativar suas memórias, pode evocar sonhos, práticas e valores cotidianos, reviver diferentes emoções, tanto individuais quanto coletivas. Também, a memória assume inúmeros significados: criação de pontes entre o presente e passado vivido; constante atualização do passado; reencontro de lugares e espaços que outrora foram perdidos. Delgado (2009) ainda nos traz uma concepção de memória, definida por Margarida Neves em que:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades espaciais; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque

na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação. (DELGADO, 2009, p.10).

Trazendo uma abordagem mais recente, tem-se que a memória “[...] consiste em uma faculdade ou processo habitual que existe em função do passado e que pelas recordações operacionaliza um retorno ao passado por meio do presente” (MONTEIRO DOS SANTOS, 2021, p. 85). A memória pode, utilizando-se das lembranças, trazer o passado para o presente, através de conexões existentes entre esses tempos.

O indivíduo que está inserido em um grupo social, através da memória, pode evocar lembranças que podem ser reconstituídas ou até mesmo simuladas, fazendo com que haja ajustes de sua percepção, conforme os relatos dos outros entes envolvidos no compartilhamento social. Há uma interferência externa na capacidade de relatar os fatos reais de determinados acontecimentos vividos, pois a imaginação é aguçada e tende a se adaptar à narrativa contada por outros indivíduos, em uma espécie de “aprisionamento imaginário”.

Halbwachs (1990), traz a ideia da existência de dois tipos de memória:

Seria o caso, então, de distinguir duas memórias, que chamaríamos, se o quisermos, a uma interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral (HALBWACHS, 1990, p.37).

Nessa linha de pensamento, o historiador francês nos conduz à memória individual, que está associada à memória coletiva. Traz o prognóstico de que a memória individual seria uma “intuição sensível”. Sua existência depende puramente de uma memória centrada na coletividade. Para o autor, os sentimentos que seriam atribuídos a nós mesmos são, na realidade, inspirações advindas dos grupos de que fazemos parte.

Essa “intuição sensível”, abordada por Halbwachs (1990, p. 37), coloca o sujeito como garantidor da unidade coletiva; existem percepções sobre influências e conflitos entre os indivíduos, sua participação, juntamente com os demais componentes do grupo social, criam um todo, capaz de exprimir a realidade social da comunidade envolvida.

A memória, aos poucos, vai sendo nutrida por narrativas que se apresentam ao longo da jornada do indivíduo. Halbwachs (1990) aponta que durante a infância são guardados quadros, linguagens, palavras, gestos, atividades e práticas presenciadas e vividas em um contexto cultural diversificado que será preservado e arquivado na consciência individual para uma futura exposição na vida coletiva, daí, tem-se a partida do mundo sensitivo para o pensamento coletivo.

Há um certo recuo histórico, quando o indivíduo tem proximidade com seus parentes mais idosos, mais experientes; quando dessa aproximação, leva-se uma carga cultural, tradições, ofícios, costumes. Halbwachs (1990), citando Marc Bloch, enfatiza que:

Nas sociedades rurais, diz Marc Bloch, acontece com muita frequência que, durante o dia, enquanto pai e mãe estão ocupados nos campos ou com inúmeros trabalhos de casa, os pequenos são confiados à guarda dos "velhos", e é destes, e mais do que de seus familiares mais próximos, que as crianças recebem o legado dos costumes e das tradições de toda a espécie. (HALBWACHS, 1990, p.44).

Em um primeiro momento, não há muita percepção de que o encontro entre duas ou mais gerações esteja acontecendo, mais que, em um futuro próximo, essa convivência e troca de experiências serão resgatadas e se mostrarão relevantes para a dinâmica social do indivíduo, que se tornará, naturalmente, memória viva e acabará se dando conta de que viveu experiências na geração dos que já se foram, já que ouviu narrativas contadas e vividas por seus parentes. Infere-se, nesse contexto, a ideia de “passado vivido”, ou, na percepção de Bosi (1987, p.31) “história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de mais idade que tomaram parte na sua socialização”. Aí estará apoiada a memória do indivíduo.

3 METODOLOGIA

Trabalhar com memórias e narrativas exige, do pesquisador, uma organização prévia, esforço e dedicação, além de cuidados para não induzir as fontes consultadas ao ponto de contaminar a pesquisa. Para se obter um resultado satisfatório, é preciso assumir “uma visão holística com vistas a obter a descrição mais ampla possível do grupo pesquisado” (GIL, 2017, p.91).

Neste trabalho, a metodologia ou “modo de fazer”, ou até mesmo a *práxis* inferida por Barros (2005, p. 80), podemos afirmar que, quanto à natureza da pesquisa, utilizamos, em princípio, aquela de caráter exploratório, pois procurou-se “familiaridade com o problema” (GIL, 2017, p.33); daí, buscou-se materiais bibliográficos, além de informações obtidas através das entrevistas orais que Meihy (2015, p. 14) as condicionam como “manifestação da história oral”. Também, nos utilizamos da pesquisa descritiva, pois trabalhamos com fenômenos culturais, evocação de lembranças, memórias e narrativas de uma comunidade.

Esta pesquisa tem sua classificação como qualitativa, pois foi necessário a interpretação dos dados coletados, aguçando a criatividade e imaginação do pesquisador que outrora poderia não ser adquirida através da rigidez quantificável, pois Gil (2017, p. 41) enfatiza que “a pesquisa qualitativa passou a ser reconhecida como importante para o estudo da experiência vivida”.

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a entrevista oral não estruturada e a observação participante. As entrevistas orais “são úteis para verificar o que os indivíduos sabem, pensam, acreditam, aspiram e temem, bem como para comparar essas percepções com as das outras pessoas” (GIL, 2017, p.92), elas também são indicadas como “facilitadora do entendimento social” (MEIHY, 2015, p. 18).

Durante as entrevistas orais, utilizou-se de aparelho de gravação⁴ e optou-se por elaborar um roteiro com vistas a extrair informações que pudessem responder ao objetivo da pesquisa. Na observação participante, que é caracterizada “pelo contato direto do pesquisador com o fenômeno estudado [...]” (GIL, 2017, p.92), foram realizadas visitas periódicas e participação no cotidiano das fontes envolvidas, em um tempo não muito curto, pois informações já haviam sido colhidas anteriormente, quando da produção de um trabalho etnográfico na comunidade.

Para realizar as entrevistas orais, além do instrumento de gravação e do roteiro pré estabelecido, foi necessário criar notas de campo, com vistas a organizar os dados coletados para, posteriormente serem analisados. Nas notas de campo, foram colhidas informações

⁴ Utilizamos o K50S – smartphone da empresa LG.

relevantes como: locais, datas e horários; nomes e datas de nascimento dos entrevistados, e outras especificidades abordadas por Gil (2017, p.92), como “[...] impressões sensoriais, palavras específicas, linguagens”.

Quando da observação participante, por várias vezes – especificamente todos os finais de semana e feriados durante o período da pesquisa – nos deslocamos para a comunidade com vistas a participar do cotidiano das pessoas ali estabelecidas. Nesse período, foram feitas visitas aos moradores; participação na rotina dos mesmos em uma forma de integração para buscar proximidade com o objeto estudado. Vale lembrar que algumas dificuldades foram superadas pelo fato deste pesquisador ser membro da comunidade.

Quando da escolha das fontes para a realização desta pesquisa, o foco principal foi nas pessoas mais idosas que ainda residem no povoado e daquelas que, por algum motivo, tiveram que se retirar para outras localidades.

No Apêndice A, temos o roteiro das entrevistas orais, que trata do direcionamento para a obtenção dos dados, pois achamos que a utilização do questionário não atenderia ao objetivo da pesquisa, por não valorizar os *estímulos*, que são “um conjunto amplo de questões que se abrem para que o colaborador exerça seu papel de narrador, dono da própria história” (MEIHY, 2020, p. 63).

Quanto à utilização das gravações, o objetivo era fazer uma análise posterior dos dados coletados, pois quaisquer dúvidas, abordagens ou questionamentos, poderíamos recorrer à sua íntegra. Esse material coletado, em formato eletrônico (.mp3), estará guardado em arquivos pessoais para futuras consultas, visto a iminência da perda das fontes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em análise aos dados coletados, houve a necessidade de interpretar as informações obtidas através das entrevistas orais, anotações de campo e observações no decorrer da pesquisa. Neste capítulo, estarão dispostas as análises, mesclando as informações adquiridas pelas fontes, seguindo a forma como elas foram obtidas. Propomos seguir o roteiro das entrevistas orais, analisando as respostas aos questionamentos realizados.

A princípio, a primeira providência tomada foi fazer o agendamento das entrevistas com as fontes escolhidas e, quando da realização das mesmas, começamos a abordar questionamentos relacionados ao propósito da investigação: lembranças sobre os primeiros moradores, atividades econômicas da comunidade, aspectos culturais e narrativas diversas. Com os dados coletados e as anotações realizadas, fizemos a classificação conforme a temática abordada no roteiro. A seguir, estão dispostos as interpretações que julgamos pertinentes a esta pesquisa.

4.1 Localização

O povoado Montes Claros (**Figura 1**) fica às margens da Rodovia MA 006, cerca de 25 quilômetros de sua sede que é o município de Pinheiro – cidade de porte médio, localizada na mesorregião Norte e microrregião da Baixada Maranhense – cuja população está estimada em cerca de 84.160 habitantes; dados populacionais obtidos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022).

Figura 1: Povoado Montes Claros.



Fonte: Google, 2019.

O clima da localidade é considerado tropical, quente e úmido, está na região do meio norte e Amazônia Legal. Atualmente, o tempo de deslocamento para a cidade de Pinheiro fica em torno de meia hora. Antes da estrada pavimentada, o acesso era muito difícil, pois os moradores iam ou à pé, ou à cavalo, e no período do inverno, ainda era mais sofrível. Os doentes e mulheres grávidas, iam deitados em redes. Chegavam em um determinado local e pegavam canoas, rumo à cidade. Perguntamos aos entrevistados sobre essa dificuldade de acesso às cidades com mais recursos, geralmente iam para Pinheiro:

Entrevistador: Sobre o acesso, como as pessoas se deslocavam até Pinheiro?

Sabino⁵: Era muito ruim. A gente pegava o caminho, passava no Enxerga Lago, Piranga, ir bater no Bom Viver, e lá pegava o carro pra Pinheiro. Quando a gente ia pelo Casemiro, no inverno, tinha que pegar a canoa, ficava na Faveira⁶. Lá, levava banana, farinha, vendia, pra comprar café, açúcar, sal, querosene.

Raimundo⁷: Papai uma vez quase cansa, foi três vezes em Pinheiro. Mamãe doente, (ele) saiu três horas da madrugada, chegou em Pinheiro, uma hora dessa (em torno de 09:00h), comprou um remédio e o cara disse: se não aliviar, vem aqui de novo. Aliviou pouca coisa, aí ele rapou⁸ de novo.

Entrevistador: Mas ele foi à cavalo?

Raimundo: À pé. Foi pelo Santo Antônio. Aí, ele chegou, ela tomou uma injeção, aliviou um pouco. Era uma hemorragia. Sangue direto. Aí, ele disse: se não melhorar, torna a vir de novo, que passo outro remédio. Umas três horas, ele desceu de novo. Chegou era umas sete, oito, horas da noite, aí, quando tomou, foi que melhorou. Era muito ruim.

Entrevistador: Com essa dificuldade, como eram realizados os partos?

Maria José Costa⁹: Meu último filho, deu dor, fui ter em Pinheiro.

Benedita¹⁰: Aqui, era feito com as parteiras, tinha muitas parteiras boas.

Entrevistador: Quem eram essas parteiras?

Raimundo: As parteiras melhores que eu via falar aqui, era: Norata, Dinoca e Tereza Bolo. Também, tinha uma velha Caburé, que era cega de um lado. Já derradeiro, tinha Lucinha, tinha Zoca, e outras. Até mamãe ajudava.

Pelos relatos, percebemos, que a vida dos moradores não era muito fácil, pois o acesso a recursos mais avançados era escasso, tornando os moradores dependentes das suas atividades locais: caça, pesca, lavoura, criação de animais. Em uma das entrevistas, se ouviu falar na compra de querosene, isso indica, que não havia energia elétrica. Ouvindo outros relatos, foi constatado que a comunidade utilizava-se de lamparinas¹¹ e lanternas. A energia elétrica chegou

⁵ Entrevista feita com CANINDÉ, Sabino. [Jul. 2022]. Entrevistador: Raimundo Rodrigues Canidé. Pinheiro, Maranhão, 2022. 01 arquivo.mp3 (1 h. 26 min. 54 seg.). Entrevista guardada em arquivo pessoal.

⁶ Local onde ficavam os barcos, uma espécie de entreposto comercial.

⁷ Entrevista feita com SODRÉ, Raimundo da Luz. [Jul. 2022]. Entrevistador: Raimundo Rodrigues Canidé. Pinheiro, Maranhão, 2022. 01 arquivo.mp3 (17 min. 14 seg.). Entrevista guardada em arquivo pessoal.

⁸ Deslocamento rápido de um lugar para outro.

⁹ Entrevista feita com RODRIGUES, Maria José Costa. [Jul. 2022]. Entrevistador: Raimundo Rodrigues Canidé. Pinheiro, Maranhão, 2022. 01 arquivo.mp3 (12 min. 32 seg.). Entrevista guardada em arquivo pessoal.

¹⁰ Entrevista feita com SODRÉ, Benedita da Luz. [Jul. 2022]. Entrevistador: Raimundo Rodrigues Canidé. Pinheiro, Maranhão, 2022. 01 arquivo.mp3 (59 min. 43 seg.). Entrevista guardada em arquivo pessoal.

¹¹ Luminária artesanal feita de um pequeno recipiente metálico, contendo líquido inflamável (querosene, óleo etc) no qual, se introduz um pavio (murrão) que, uma vez acendido, fornece luz atenuada (BRAGA, 2014, p. 106).

por lá, no final da década de 2000, inclusive, foi localizada reportagem¹² sobre a dificuldade de acesso à energia elétrica em algumas residências do povoado.

4.2 Identificação das fontes entrevistadas

Para a escolha das fontes, o critério que utilizamos para realizar as entrevistas foram as pessoas mais idosas da comunidade, que estão dispostas na **Tabela 1**, por nome, idade, pertencimento familiar e como são conhecidas no lugar. É sabido que, devido à própria idade, as fontes podem não conseguir lembrar dos fatos reais e, com isso, até simular uma realidade não vivida, ou, até mesmo “mentir, omitir, selecionar fatos e situações” (MEIHY, 2015, p. 120), elas têm essa prerrogativa.

Durante a observação participante, que exige bastante tempo, pois, como afirma Gil (2017, p. 92) é “um processo longo”, obtivemos contato com muitos outros moradores, de várias idades e famílias, que fizemos anotações e interagimos com os mesmos, em busca de informações relevantes para a pesquisa e importantes para a história da comunidade. Dentre essas pessoas, destacamos a contribuição da senhora Maria Raimunda, da família Luz, do senhor Raimundo, da família Luz/Sodré e do senhor Jorge, da família Canindé, que, apesar das dificuldades, conseguiu pós-graduação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Eles, assim como os demais, conservam em suas memórias, informações que foram úteis para esta pesquisa.

Tabela 1: Relação das fontes entrevistadas.

Nº	Nome	Idade/anos	Família	Conhecido
01	Benedita da Luz Sodré	85	Luz	Loló
02	Domingos Campos	79	Campos	Domingos Bolo
03	Francisco Campos	90	Campos	Chico Bolo
04	Jorge Rodrigues Canindé	60	Canindé	Jorge de Sabino
05	Maria José Costa Rodrigues	87	Rodrigues	Maria José de Sabino
06	Maria José Rodrigues dos Santos	90	Santos	Maria José de Humberto
07	Maria Raimunda da Luz	69	Luz	Maria Raimunda
08	Raimundo da Luz Sodré	66	Sodré	Raimundo de Ângelo
09	Sabino Canindé	89	Canindé	Sabino

Fonte: Canidé, 2022.

¹² Sistema Pericumã. Canal Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rQhouH4OBcg>>.

4.3 Primeiros moradores

Conforme relatos obtidos pelos moradores, tanto nas entrevistas orais, quanto na observação participante, há um certo direcionamento de que os primeiros moradores vieram de famílias, fugindo das grandes secas que sempre assolaram a Região Nordeste brasileira. Essas famílias, por imposição das circunstâncias, tiveram que largar tudo e se aventurarem para outras localidades. No final do Século XIX, a capital do Ceará – Fortaleza – recebia muitas pessoas, fugindo da fome, sede, pestes e outros males, trazendo, com isso, graves problemas sociais, e, para reduzir a proliferação de doenças, os governantes, que se achavam incomodados com a presença dos retirantes, chegaram até a criar um “Campo de Concentração” (NUNES, 2020, p. 5) para essas pessoas.

De acordo as anotações feitas em campo, observou-se que, nesse período de estiagem, várias famílias, já sem ter para onde ir, migraram, em busca de terras propícias para pastagem dos rebanhos e para a própria subsistência, e, ao chegar nesta localidade, avistaram terras férteis, agricultáveis; rica em carnaubais, babaçuais; igarapés com fartura de peixes, campos verdes¹³; abundantes animais silvestres. Isso seria motivo para a fixação dos mesmos na localidade. Quando perguntamos sobre os primeiros moradores, tivemos as seguintes respostas:

Entrevistador: Sobre a história do povoado. O que se sabe sobre os primeiros moradores?

Sabino: O primeiro morador era uma tal de Henriqueta. Era dona daqui.

Entrevistador: Ela veio de onde?

Sabino: De São Luís. Aí, quando o velho Canindé chegou, comprou (a terra), dessa tal de Henriqueta.

Entrevistador: Quantas famílias vieram para cá?

Sabino: Veio só quatro famílias.

Entrevistador: Quem foram essas famílias?

Sabino: Um, foi o velho Canindé; outro, foi o velho Cipriano; o outro foi o velho Antoninho; outro, foi o velho Joaquim.

Entrevistador: As famílias eram quem: Canindé, Luz, Rodrigues?

Sabino: As que ficaram aqui, eram Canindé. O velho Joaquim era [?].

Maria José Costa: Ele era Carvalho.

Sabino: O velho Cipriano era Rodrigues e o velho Antoninho era Luz. Mas a velha era Canindé, que era a velha Mercês.

Entrevistador: Esse povo veio de onde?

Francisco¹⁴: Vieram tudo do Ceará.

Sabino: Vieram fugindo da seca braba.

Maria Raimunda¹⁵: Vieram do Ceará. Minha bisavó, Maria das Mercês, não tinha nem nome. Batizou numa igreja. Ela vinha montada num jumento. Disseram que,

¹³ Com o passar do tempo, essas riquezas naturais foram sendo reduzidas, pois as pessoas começaram a trabalhar a terra. A caça e pesca predatórias foram minguando a abundância de animais e peixes, fazendo com que a ação do homem modificasse a paisagem, fauna e flora do povoado.

¹⁴ Entrevista feita com CAMPOS, Francisco. [Jun. 2022]. Entrevistador: Raimundo Rodrigues Canidé. Pinheiro, Maranhão, 2022. 01 arquivo.mp3 (40 min. 05 seg.). Entrevista guardada em arquivo pessoal.

¹⁵ Entrevista feita com LUZ, Maria Raimunda da. [Jul. 2022]. Entrevistador: Raimundo Rodrigues Canidé. Pinheiro, Maranhão, 2022. 01 arquivo.mp3 (29 min. 47 seg.). Entrevista guardada em arquivo pessoal.

quando chegasse numa igreja, que tivesse o nome da santa da igreja, eles botavam o nome da criança.

Entrevistador: Mas essa santa, aonde acharam?

Maria Raimunda: Onde eles passaram. Ela nasceu no Ceará, e veio, na viagem, no meio do caminho, onde tivesse a santa (Nossa Senhora das Mercês) na igreja, esse seria o nome da criança, e assim foi.

Entrevistador: Quem era o Antoninho da Luz?

Maria Raimunda: Era o marido da minha avó, Mercês Canindé.

Jorge¹⁶: Até aonde eu sei, todo o pessoal que nasceu em 1905, 12, 3, 17, 27, seus pais vieram de lá (Ceará). Finada Leôncia, seus pais vieram da região do Pará. Os Canindés vieram do Ceará. Aí, se juntaram.

Entrevistador: Quer dizer que veio um grupo do Pará e outro do Ceará?

Jorge: Exatamente. Quem foi o grupo do Pará que veio? Foi finada Leôncia; o velho Firmino (pai de velho Duca); a mãe de Tereza Bolo; o pessoal de Luz, vieram do Ceará, com os Canindés.

Entrevistador: Será que eles estavam fugindo das secas?

Jorge: O pessoal do Ceará era [sim].

Como informado pelo senhor Sabino, antes da chegada dessas pessoas na localidade, as terras pertenciam a essa senhora Henriqueta, que as vendeu para os recém moradores. Não foi constatado se ela morava no povoado ou somente tinha a posse das terras.

Nos relatos obtidos em campo, percebemos que, devido aos muitos outeiros existentes no local, com uma vista encantadora, inspiradora, denominaram a localidade como Montes Claros, pois nas primeiras horas do dia, o sol se mostra esclarecedor na região, anunciando um dia chuvoso ou ensolarado.

Entrevistador: Por que chamaram esse lugar de Montes Claros?

Sabino: Olha, pelo que eu sei, é porque tinha os outeiros, e a vista era de campo aberto. Aí o pessoal viu e botaram esse nome.

Maria José¹⁷: é porque tinham muitos outeiros.

Com a chegada das pessoas na região, houve a preocupação de estabelecer um certo espaço territorial com limites próprios, embora ainda não houvesse cercamentos. Elas começaram as ocupações conforme suas famílias. Nos relatos do senhor Sabino, ficaram em locais que achavam apropriados para desenvolverem suas atividades.

Entrevistador: Eles chegaram e ficaram por onde?

Sabino: O velho Joaquim ficou no Bamburral. O velho Cipriano ficou ali nas carnaúbas.

Entrevistador: Carnaubal?

Sabino: Não, lugarzinho que tem no Açude; Carnaúba, chamada. E o outro, o velho Canindé ficou aqui no Montes Claros. E o velho Antoninho ficou lá no Campo Redondo (região do carnaubal).

¹⁶ Entrevista feita com CANINDÉ, Jorge Rodrigues. [Jul. 2022]. Entrevistador: Raimundo Rodrigues Canidé. Pinheiro, Maranhão, 2022. 01 arquivo.mp3 (20 min. 56 seg.). Entrevista guardada em arquivo pessoal.

¹⁷ Entrevista feita com SANTOS, Maria José Rodrigues dos. [Jun. 2022]. Entrevistador: Raimundo Rodrigues Canidé. Pinheiro, Maranhão, 2022. 01 arquivo.mp3 (43 min. 59 seg.). Entrevista guardada em arquivo pessoal.

Com o passar do tempo, essas pessoas foram se expandindo nos limites do povoado; se organizaram e deram forma à comunidade. Ainda é possível localizar alguns vestígios desses primeiros moradores, como casas antigas (taperas), poços, vegetação plantada, além de marcas presentes nas memórias dos mais antigos e descendentes dessas famílias.

Francisco: Muitos se ajuntavam naquele mangal, onde tem uns poços velhos [...]. Ali que era a moradia desses Canindé(s)?

Quando da afirmação feita por Jorge, de que os primeiros moradores estavam fugindo das secas, constatamos, como anteriormente, que o Nordeste brasileiro vive, ao longo dos tempos, um complexo problema de estiagem, que tem provocado sonhos indesejáveis, oriundos de um cotidiano sofrido e maculado. Para muitos são simples sonhos, já para outros, pesadelos intermináveis que ainda se acham presentes nas memórias daqueles que se tornaram vítimas naturais das adversidades oriundas do clima.

O fenômeno das secas no Nordeste, é bem antigo e atual, “se deu ao longo de séculos e passou por momentos de negação, aceitação, combate e, por fim, convívio” (NUNES, 2019, p. 2). Há várias discussões em torno da busca de uma solução para se resolver o problema. Em 1909, no governo do então presidente Nilo Peçanha, criou-se a Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), hoje, denominado de Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS), autarquia federal, responsável pelas políticas do governo no que tange aos problemas causados pelas secas e estiagens na região (BRASIL, 2022).

Essa questão parece um problema crônico, de difícil resolução, pois se trata da dinâmica da própria natureza, com o agravante dos impactos ambientais provocados pelo homem. O aparato estatal tem investido muitos recursos para amenizar o sofrimento das pessoas atingidas por esse fenômeno. Existe um projeto ambicioso em curso, que atravessa gerações; tem o objetivo de fazer a transposição do Rio São Francisco até as cidades mais atingidas pelas secas. Esse projeto possui os Eixos Norte e Leste, e o atual, que está em andamento é o Leste, onde deve atender 46 municípios da região (BRASIL, 2022).

4.4 Atividades econômicas

O Povoado, com suas florestas de babaquais, carnaubais, pastagens e muitos igarapés, propiciava um ambiente chamativo para o desenvolvimento da agricultura, caça, pesca e da pecuária. A agricultura – fonte motora da comunidade – e que ainda é de subsistência, oferecia pequenos rendimentos para os moradores do lugar. Seus principais produtos cultivados eram: arroz, feijão, mandioca, milho, extração da madeira, do coco babaçu e da palha de carnaúba,

que era colhida e depois vendida para a confecção de chapéus, vassouras, cera. Hoje, muitas dessas atividades já não estão presentes na rotina do lugar.

Jorge: Quando viram o carnaubal, se identificaram com sua região de origem, pois uma das suas atividades era a coleta de cera para confecção de produtos.

Entrevistador: Então, avistaram o paraíso.

Jorge: sim.

Aqui, podemos notar um aparente motivo para esses retirantes se estabelecerem no local, seria a atividade extrativista, que envolvia a coleta da carnaúba, para fins comerciais. Como encontraram muitos pés dessa palmeira, talvez tivessem imaginado um futuro promissor, pois poderiam confeccionar produtos e vender no mercado da época.

Figura 2: Pés de carnaúba.



Fonte: Canidé, 2021.

Conseguimos averiguar a existência de casas de fornos¹⁸, local onde são confeccionados produtos derivados da mandioca como: farinha d'água, tapioca, farinha seca. Existe todo um processo e modo de fazer a farinha da mandioca, que é um produto muito consumido na região.

Entrevistador: Como é feita a farinha de mandioca?

Sabino: Primeiro, tem que fazer o plantio da mandioca, esperar o tempo para arrancar, depois, botar n'água¹⁹. Aí, traz pra casa de forno e mexe a farinha.

¹⁸ Choupana onde se produz a farinha de mandioca; casa de farinha (BRAGA, 2014)

¹⁹ Deixar de molho por alguns dias dentro da água, geralmente em pequenos açudes. Em outras regiões, já utilizam a caixa d'água.

O processo de produção da farinha de mandioca é bem complexo, pois envolve várias etapas e requer um tempo necessário para que a raiz esteja apta para o consumo humano. No período do verão, são feitos roçados²⁰, que serão queimados, depois, cercados com os restos da madeira que foi queimada, para evitar a entrada de animais. Posteriormente, é feito o plantio da mandioca, seguido da capina e aguarda-se um período para retirar o produto da roça e levar para a casa de forno.

Figura 3: Casa de forno.



Fonte: Canidé, 2020.

Foi constatado, que essa atividade ainda é realizada de forma artesanal na comunidade. Em outras localidades, o processo já é feito de forma mecanizada, trazendo uma produtividade maior para os seus donos.

Quando da atividade de caça, os principais animais silvestres procurados eram: a siri cora, cutia, inambu, a juruti, paca, perdizes, pequapá, tatu, ciganas e outros. O preá²¹ parece que teve sua extinção no povoado, pois os moradores contam que faz muito tempo que não foram mais vistos por lá.

Entrevistador: O senhor caçava muito?

Domingos²²: Olha que eu era bom de caça. Era cutia, tatu. Esses bichos de pena. Uma vez fui caçar no centro, matei um veado grandão, deu uns trinta quilos.

²⁰ Terrenos onde se roçou e queimou o mato, e que está preparado para a lavoura (BRAGA, 2014).

²¹ Pequeno mamífero roedor.

²² Entrevista feita com CAMPOS, Domingos. [Jun. 2022]. Entrevistador: Raimundo Rodrigues Canidé. Pinheiro, Maranhão, 2022. 01 arquivo.mp3 (53 min. 31 seg.). Entrevista guardada em arquivo pessoal.

Francisco: Uma vez eu fui caçar, era dia de Santa Luzia, pedir para ela me ajudar. No gapó do macaco eu matei um veado que quase não dava conta de levar, e ainda deu tempo de ira na reza, lá no Açude, onde Pedro Cruz morava.

A criação de animais era forte na região, e se concentrava nos rebanhos bovinos, criação de aves (galinhas, capotes²³, pato, peru – **Figura 4**); caprinos, equinos, ovinos e suínos. Durante a pesquisa, foi observado que a pecuária se destaca na comunidade, pois com os cercamentos, houve a expansão da plantação de capim para o rebanho bovino; já a criação de outros animais como porco, bode, ovelhas, ficou restrito a ambientes fechados, pois os antigos criadores foram vendendo suas terras e os que ficaram não seguiram com esses manejos.

Figura 4: Criação de aves e porcos.



Fonte: Canidé, 2020.

Quanto à atividade pesqueira, foi elaborado um tópico específico (4.7), onde trata sobre a pesca no Igarapé Açude, que foi tema de uma etnografia que realizamos no primeiro período do curso, junto à disciplina de Sociologia, e que norteou este trabalho acadêmico.

4.5 Atividades culturais

A população do Povoado Montes Claros é formada em sua maioria por cristãos católicos, uns praticantes e outros não. Na época, as missas eram ministradas em outro povoado, Rio dos Peixes²⁴. Se tornava distante devido ao acesso, que era ou à pé, ou à cavalo e no período

²³ Galinha d'angola.

²⁴ Comunidade remanescente de Quilombos (MONTEIRO DOS SANTOS, 2021, p. 44).

do inverno, as águas inundavam os campos e ficava cada vez mais difícil a participação dos moradores nos encontros religiosos.

Entrevistador: Onde eram realizadas as missas?

Maria José: Tinha missa de mês a mês. Era no Rio dos Peixes.

Sabino: Tinha lá no Rio dos Peixes. Quando o pessoal pedia, o padre vinha rezar missa, aqui em Montes Claros. Eu me lembro que tinha no Pedro Nunes.

Benedita: Pra ter uma missa, era longe, era no Tibúrcio. Tinha o padre Fernando, o Frei José, tinha o Nicolau, lá no Pedro Nunes, no enxerga lago, depois o padre Risso tomou de conta.

Maria Raimunda: De primeiro, tinha na casa de minha madrinha Benedita Nunes, depois, faziam no colégio. Celebravam a missa e depois tinha o batizado. Aí, fizeram essa igreja daqui.

Na década de 1980, foi construída uma igreja na comunidade – Igreja de São Francisco – empreendimento feito com a direção do padre Risso. Atrás da igreja, também, foi feito um reservatório que era coberto e quando chovia, a água que caía no telhado enchia o tanque que abastecia a comunidade, pois outrora, em longos períodos de estiagem, a população se deslocava para áreas distantes, em busca de água potável para o consumo, já que nesse período, os igarapés secavam e a água do Açude era imprópria para o consumo humano.

Entrevistador: Quando foi construída essa igreja?

Maria Raimunda: Foi em 1982. Fizeram o colégio, aí, padre Risso fez a igreja e o tanque. Eu era a responsável. Ficava com a chave do colégio, da igreja e do tanque. O tanque tinha um portão.

No início do ano, tinham-se atividades religiosas, a começar pelo dia de Reis, São Sebastião, no mês de janeiro. Depois, geralmente em fevereiro, chegava o período carnavalesco, com bailes dançantes, animados com radiolas. Os participantes brincavam até ao amanhecer. Logo que terminava a festa do carnaval, na quarta-feira de cinzas, iniciava-se o período da quaresma, que culmina com as celebrações da chamada Semana Santa, notadamente, os moradores do lugar respeitam muito esse período religioso, pois em todas as sextas-feiras que antecedem a sexta-feira santa, os mais religiosos se abstêm de alimentos como a carne, pois para eles, comer a carne nesse período, seria participar diretamente da morte de Jesus Cristo.

Também, na tradição do lugar, todas as mulheres cujos nomes começavam com Maria, se eximiam de tomar banho, varrer casa. Essa tradição parece que se perdeu e ficou restrita somente nas lembranças dos moradores. Na sexta-feira santa, os afilhados se deslocavam até a casa de seus padrinhos/madrinhas, comiam torta de camarão, ovos de galinha caipira e galinha

d'angola (**Figura 5**), feijão, canjica, pamonha, bolo; as crianças brincavam de peão. Tinha-se, ainda, a malhação do Judas²⁵.

Figura 5: Ninho de galinha d'angola encontrado durante a pesquisa.



Fonte: Canidé, 2021.

Logo após o término da semana santa, e antes dos festejos juninos, os moradores da localidade realizam o novenário que acontece em todo o mês de maio – mês de Maria, mãe de Jesus Cristo. Em seguida, vem os festejos juninos. Os moradores do lugar festejam o dia treze, Santo Antônio, o dia vinte e quatro, São João e o dia vinte e nove, São Pedro, que são comemorados com brincadeiras de bumba-meu-boi, que chamam de boiadas, também, haviam as quadrilhas, fogueiras e festas dançantes.

No mês de outubro é comemorado a festa do padroeiro do lugar – São Francisco de Assis²⁶ – com novenas dias antes, até chegar ao ponto alto da festa, geralmente no primeiro sábado de outubro, com missa e batizados de crianças pela manhã e à tarde, o leilão. A festa dançante acontece à noite.

²⁵ Atividade onde se faziam versos, pasquim, com vistas a dizer algo sobre alguém, em uma forma de humor. Alguém, no anonimato, escolhia uma casa e colocava um boneco de pano com os versos que seriam lidos.

²⁶ O dia do santo é quatro de outubro, mas a comunidade sempre fez no final de semana, pois o dia poderia coincidir no meio da semana.

Figura 6: Festa de São Francisco – Padroeiro.



Fonte: Canidé, 2021.

O leilão é organizado pela comunidade local, eles levam para serem leiloados: galinhas, porcos, pratos de comidas e até boi. O dinheiro arrecadado no leilão do festejo é todo revestido em benefício do padroeiro. Temos, na transcrição abaixo, os relatos da pessoa que muito contribuiu para a perpetuação cultural da localidade.

Entrevistador: E sobre os festejos daqui?

Maria Raimunda: Eu trabalhei quatro anos num jardim, em frente ao Colégio Pinheirense. Lá eu via tudo o que as freiras faziam. Olhava tudo: as entradas, saídas, hino nacional, pai nosso; aí fui aprendendo. Levava meus cadernos pra lá. Aí, eu fiquei acompanhando o padre Risso. Toda missa que ele ia, eu ia. Sempre preparando as coisas para o padre celebrar. Eu era responsável pelo colégio, pela igreja e pelo tanque.

Entrevistador: Como eram feitas as datas comemorativas?

Maria Raimunda: Eu fazia as datas comemorativas. Fazia quadrinha, fazia coroação. Tinha o dia de reis, novenas do mês de maio, dia de São Francisco, natal.

Entrevistador: Como funciona as novenas do mês de maio?

Maria Raimunda: Era assim: tinha 31 noites, a última noite era a coroação. Toda noite tinha a ladainha e o bingo. Nos feriados, se faziam redações para saber o que significava aquele feriado. Em cada data se fazia uma novena e um bingo. No Santo Antônio, tinha treze dias de novenas e bingo. No festejo de São Francisco, era nove noites de novenas.

Nos relatos do senhor Jorge, temos que, no Rio dos Peixes, na residência do senhor, Miguel Canindé, comemorava-se a festa do Divino Espírito Santo, no período de vinte e dois a trinta e um de outubro. No primeiro dia, vinte e dois, inicia-se a festa com o levantamento do mastro, que é um pedaço de madeira que chega até dez metros de altura, com vários produtos colados nele, como: litros de vinho, cachos de bananas e outros. Na ponta do mastro, tem o desenho de uma pomba branca, representando o Divino. Nos dias seguintes, as caixeiras saiam

pelas redondezas do lugar pedindo dinheiro, que chamavam de joias para colaborar com o festejo. Quando elas chegavam às casas dos moradores era feito um ritual com música, tocando e cantando com as caixas.

Entrevistador: Ainda sobre os festejos, fale sobre a festa do Divino.

Maria José: Era Maria de Miguel que fazia a festa. Ela saia com as bandeiras, caixeiras, um cavalo na cangalha, tirando joia, de casa em casa. Quando chegava numa casa que tinha um peruzão grande [sons], o Divino Espírito Santo se agradou do peru. Aí tinha que dá o peru; e era farinha, era porco, era ovos; era tudo.

Continuando os festejos do Divino, no dia trinta e um de outubro, era feita a festa das caixeiras, durante o dia inteiro, começando com o café da manhã, ao meio dia, o almoço e às dezoito horas, o jantar, sempre com o batuque das caixeiras; elas cantando ladainha²⁷ o dia todo, até às dezoito horas, quando ocorre a derrubada do mastro, e, a partir das vinte horas, começava a festa dançante, que só terminava na manhã do dia primeiro de novembro, dia de todos os santos, considerado o fim da festa. Também, vez por outra, a comunidade realizava a festa de São Lázaro.

Sabino: Ainda tinha a festa do São Lázaro. Uma vez eu levei meu cachorro, comi só um pedacinho, o resto, o cachorro passou a boca e limpou o prato.

Entrevistador: O pessoal comia junto com os cachorros?

Maria José: Comiam. Não eram todos que queriam comer.

Entrevistador: Onde era feita essa festa, qual era o local?

Maria José: Essa festa, qualquer um fazia em casa e convidava o pessoal com os cachorros.

Na comunidade, não haviam movimentos culturais/religiosos de matriz africana. Havia terreiros, festas de tambor, em lugares mais afastados, normalmente em um povoado chamado Bacabal. Vez por outra, alguns moradores participavam desses eventos, geralmente quando tinha algum familiar com problemas de saúde. Existiam alguns membros da comunidade que faziam remédios caseiros, benziam pessoas e animais quando eram solicitados. Também, não era permitido a realização de cultos protestantes. Até os dias atuais, só há uma igreja católica no local, e já houve abertura para trabalhos de grupos evangélicos no povoado.

Quanto ao cemitério, participamos, durante a pesquisa, de três comemorações do dia de finados. Antes das visitas aos mortos, os moradores se unem, fazem a limpeza do local, pintam as sepulturas e, quando chega o dia – dois de novembro – o espaço fica lotado. Ali, percebi que é um local de encontros, de vivências, onde as memórias são evocadas, em um ritual de lembrança aos mortos.

²⁷ Um tipo de oração católica. Litania do latim.

Figura 7: Cemitério da Comunidade – Dia de Finados.



Fonte: Canidé, 2020.

Também, constatei que o local é cercado com arame farpado e algumas pessoas que conversamos disseram que, do lado de fora da cerca, existem muitos mortos enterradas e não tem como identificar suas origens.

Entrevistador: Quando morria alguém, onde era enterrado?

Maria José Costa: Lá no Santo Antônio.

Sabino: No Santo Antônio. Vinha gente do Rio dos Peixes, Olho D'Água, Ave Maria, de toda parte e enterrava lá.

Benedita: De uns tempos pra cá, já enterraram até criminoso.

Raimundo: Naquele tempo, quando morria um, eu me lembro, eu era pequeno, era uma semana sem ninguém trabalhar. Papai uma vez quase perde uma roça, quando ia trabalhando, morria um. Ainda perdeu um pedaço.

Entrevistador: Porque não cercaram toda a área onde os mortos estão enterrados?

Sabino: Olha, o pessoal era enterrado debaixo daqueles paus, aí, enterraram um homem que era leproso, daí em diante, começaram a fazer as covas para este lado (apontando para onde é o cemitério, atual).

Constatamos que o cemitério do povoado não possui uma certa organização e nem traz informações sobre os mortos que estão enterrados nele. Não existe uma preocupação em colocar dados informativos sobre o nome, nascimento e morte do falecido. Somente quando antecede o dia dos mortos, é que fazem alguma manutenção no local. Durante todo o ano, fica abandonado, cheio de mato e, no período do inverno, o acesso é muito precário, pois veículos não podem chegar até o local; as urnas funerárias são carregadas pelos moradores.

Um outro fato que nos chamou a atenção, foi o assassinato do pai de um dos entrevistados. Era um comerciante que foi morto ainda novo, tinha cerca de cinquenta anos de idade.

Domingos: Depois que nosso pai morreu, nós passamos muito mau.

Entrevistador: Seu pai morreu, como?

Domingos: O meu pai gostava da bebida. A casa dele era bem surtida. Era uma quitanda. Era comerciante. Aí, o cara chegou montado num cavalo. Aí, o cavalo foi entrando, botando o pé do lado de dentro do comércio. Aí, (papai) disse que o cavalo dele não entrava. O cara insistiu, aí, papai se zangou, pegou um punhal e já foi preparado. Ele era canhoto, todos os dois canhotos. Dá furada que ele deu no cara, bateu na louça e entortou a ponta. Aí, o cara, de baixo, furou ele.

Entrevistador: Seu pai foi assassinado.

Domingos: Foi. O cara passou depois e disse: já matei Manoel Canindé. Eu me lembro de tudinho. Tinha de uns sete para oito anos.

Entrevistador: Depois que seu pai morreu, como ficaram? quem criou vocês?

Domingos: Minha mãe fazia redes, era muito bonita as redes que ela fazia. Também tinha uma máquina que ela costurava, fazia roupa, aí, ia passando.

4.6 Outras narrativas

Nas anotações de campo, fomos informados, que no povoado, precisamente no lugar chamado Carnaubal, às margens do igarapé grande, funcionava, nos turnos matutino e vespertino, a escola Manoel Canindé dos Santos, onde alunos de toda região estudavam, e tinham como professor principal, Antônio Costa Rodrigues, conhecido como Antônio “Gojoba”, e sua professora auxiliar, Eulenes Moraes.

Na época o ensino era apenas o primário, que começava pela carta de “ABC” simples, carta de “ABC” adiantada e depois a primeira, segunda, terceira e quartas séries do primário e, no período noturno, ainda havia o MOBRAL²⁸

Entrevistador: Você que já foi professora aqui nesse povoado. Quando chegastes aqui, quem era o professor?

Maria Raimunda: Antônio Rodrigues, que eles chamavam de Antônio Gojoba.

Entrevistador: Mais o colégio, onde era?

Maria Raimunda: Era no Carnaubal.

Entrevistador: Mas como você chegou aqui?

Maria Raimunda: Eu vim de Pinheiro, pois eles já queriam entregar. Aí peguei os nomes dos alunos, botei num papel de chamada, em 1977. Aí, ele passou pra mim, 120 alunos. Botei a metade de manhã e a metade de tarde.

Entrevistador: Mas você ensinava sozinha?

Maria Raimunda: Sozinha. 60 (alunos) de manhã, 60 de tarde e 15 de noite, no MOBRAL. Ainda ajudava a fazer comer pro padre, que estava construindo a igreja e o tanque.

Entrevistador: Depois ficou sendo professora até quando?

Maria Raimunda: Eu fiquei de 1977, até 1985.

Entrevistador: Ainda era lá no Carnaubal?

Maria Raimunda: Não. Fizeram um colégio para mim. A prefeitura com os pais se uniram e fizeram um colégio. Fizeram com quarto para armar minha rede, pois morava no colégio eu e minha sobrinha.

Entrevistador: Depois a senhora passou para quem?

Maria Raimunda: Em 1985, assumiram a escola Antônio Dogue e Dereco.

²⁸ Movimento Brasileiro de Alfabetização.

Quando os alunos concluíam essas etapas de ensino, paravam, porque não havia escola para que eles continuassem os estudos. Os pais que tinham melhores condições financeiras, enviavam seus filhos para os centros urbanos. Outros pais, que não tinham muitos recursos, às vezes mandavam suas filhas para serem empregadas domésticas e os homens que ficavam se engajavam nas atividades rurais, caça e pesca. Constatou-se, que as famílias eram muito numerosas, geralmente entre sete, dez, quinze filhos.

Maria Raimunda: Minha bisavó, Maria das Mercês Canindé, teve quinze filhos. O derradeiro botaram o nome de Paulo Quinze, que era pra não ter mais.

Por volta dos anos de 1977 até 2011, a escola passou a funcionar com o mesmo nome, na sede do povoado, as margens da MA 006, tendo como professora, Maria Raimunda da Luz, depois, o professor Antônio Dogue. Em 2012, a Prefeitura Municipal construiu uma nova escola para o lugar, que fica localizada em uma estrada vicinal, na entrada do Povoado Gama, com o nome de Antônio Canindé dos Santos, que funciona até os dias atuais. Durante a construção da nova escola, as aulas eram ministradas em um barracão²⁹ alugado.

Entrevistador: Esse colégio, antes, tinha outro nome?

Maria Raimunda: Sim. O antigo era Manoel Canindé dos Santos, como ele era muito bravo, muito zangado, botaram no nome do filho, que é Antônio Canindé dos Santos.

Nas narrativas dos moradores, foram relatados fatos que mostram a presença escrava na região. Achados de materiais como poços, louças, prataria, tachos, e outros utensílios ainda são visíveis nas proximidades.

Entrevistador: Sobre a presença de escravos na região, sabes de alguma coisa?

Benedita: Papai roçou lá na beira do batata. Caco de louças, tinha de toda qualidade. Nós ainda pequenas, ajuntava para olhar; não sabia o que era. Era só da escravatura.

Domingos: Lá na Madre Deus, no local que eu fazia feijoal, uma vez eu sonhei que lá tinha um relógio de ouro dos antigos. Eu sonhei com o relógio, e na hora, eu não acertei o lugar, pois estava em um dos esteios do meio da tapera, eu perdi a direção, não achei. Mas lá, dizem que tem um relógio de ouro. Lá na Juçara tinha um lugar, que tinha um negócio, uma lata, que tinha ouro, cordão e um cara sonhou, foi lá e tirou.

Entrevistador: Aonde fica esse lugar?

Domingos: Fica aí, na direção do Zequinha Guterres. Dizem que lá tem ouro, lá no fundo do poço.

Entrevistador: Lá tem poço, dos escravos?

Domingos: Lá tem aqueles sumidor³⁰, que tem aquelas pontas de ferro; é lá no Paraíso.

Entrevistador: Mas porque as pontas de ferro?

Domingos: Era para bazugar³¹ os pretos; os escravos, ficavam espetados. Nunca entupiram esse poço. Na Madre Deus também tinha, mais já entupiu. Ainda tem o lugar, o bocal.

Entrevistador: O senhor já foi lá, olhou esse poço?

²⁹ Abrigo de grandes dimensões.

³⁰ Sumidouro.

³¹ Jogar, lançar, arremessar.

Domingos: Eu já passei perto, fiquei com medo. Morei esses anos todos lá, já fui lá só uma vez, fiquei com medo.

No trabalho dissertativo de Monteiro dos Santos (2021), temos que, nas proximidades do povoado existem algumas comunidades remanescentes de quilombolas, com isso, percebe-se que a presença negra na região é um fato histórico e que aguarda mais investigações aprofundadas.

Ao longo da pesquisa participante, nos deparamos com atividades folclóricas e lendárias, que ainda estão presentes nas memórias dos moradores, e pudemos perceber que há todo um ambiente mítico que rodeia aquela comunidade com elementos do folclore brasileiro.

Entrevistador: Sobre visagens, aparições o que sabes?

Francisco: Já ouvir falar de muitas aparições: Curacanga, Saci Pererê, Mãe D'água. Quando vê isso, tem que se benzer.

Domingos: No Açude, tinha um tarrafeador, um caboclo, nu da cintura pra cima. Ele ficava tarrafeando; a gente ouvia a zoadá, quando a gente chegava lá, não via ninguém. A gente estava pescando; quando dava, ele aparecia.

Entrevistador: Vocês olhavam ele tarrafeando?

Domingos: A gente via tarrafeando, mais, agora, olhar a pessoa, não. Se você estava pescando de anzol, sozinho, às vezes ele aparecia.

4.7 Atividade pesqueira no Igarapé Açude

Agora, abordaremos a cultura da pesca, no Açude. Este tópico foi necessário, pois o igarapé, ao longo das gerações, foi um espaço de vivências, onde muitas narrativas eram contadas, lendas evocadas, encontros realizados, contendas levantadas. Estivemos, por várias vezes, ao longo do desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica realizada, às margens do igarapé, em todos os turnos, inclusive à noite, acompanhando os pescadores.

Já é sabido que a pesca, no povoado, inicia-se com a utilização de anzóis nos igarapés menores, basicamente entre os meses de abril até meados de junho, quando são feitas pescarias utilizando-se da técnica chamada de “água fora” – momento em que os igarapés começam a secar, criando pequenas pouças d'água e munidos de uma cuia ou balde, esvazia-se o local e recolhem os peixes, que são levados para o consumo.

Encerrando-se essa atividade nos pequenos igarapés, as famílias começam a se deslocar para o igarapé Açude, onde a pescaria é mais intensa no final de junho até o mês de julho. Nesse período, as margens do igarapé recebem um grande volume de pescadores da localidade e regiões próximas, principalmente no período noturno, onde, através da pesca de anzol, é fisdado o peixe mais apreciado pela comunidade – o jandiá (jundiá)– pequeno peixe de couro que tem um sabor característico e bem recebido na culinária local.

Figura 8: Peixes sendo consertados (tratados).



Fonte: Canidé, 2020.

Terminado essa atividade de pesca com anzol, pois o Açude já teve seu volume de água bem reduzido, inicia-se, geralmente, a partir do mês de agosto, a chamada “invasão do Açude” – pescaria liberada para todas as modalidades e ferramentas de pesca: tarrafa, puçá, socó (choque), mãos. Os moradores entram no rio, com a utilização das mãos, pedaços de madeira, começam a tordar³² a água e, com isso, os peixes ficam desorientados e se tornam presas fáceis para seus predadores. Essa atividade se estende até o período chuvoso. Os principais peixes existentes são: o jundiá, a traíra, a piaba, cabeça gorda, cascudo, acará, niquinho, bagre, piranha e mais recentemente, houve a aparição de grandes cardumes de curimatá (**Figura 12**), que antes não tinham. Os moradores alegam que vieram do Rio Pericumã.

Entrevistador: Sobre a pescaria no Açude, como funcionava?

Maria José: Eu pescava de anzol. Eu não pescava como eles faziam, passavam a noite pescando. Esse tempo, tinha muito peixe. Às vezes a gente ia pegar uma janta, seis horas, levava lamparina, os anzóis, as iscas, montava no cavalo. Ia eu, o marido e um menino que morava lá em casa. Enchia um côfo³³ e vinha embora.

Benedita: Quando eu me entendi, esse Açude não era assim, tinha ordem. Primeiro era o velho Firmino, depois velho Florêncio, depois o velho Duca. Depois foi Pedro Cruz. Era organizado. Agora, inventaram essa malhadeira e bagunçou tudo.

Raimundo: Esse Açude, pelo que eu vejo falar, dos mais antigos, todo tempo teve essa bagunça, só que, de primeiro, era mais pouco. Todo tempo eu ouvia falar nessa história de cortar chiqueiro, invadir antes do tempo. Vinha muita gente de toda parte, mas hoje vinha uma turma, amanhã, já era outra. Agora, o povo é todo tempo, só sai depois de acabar o peixe.

³² Tornar a água muito suja, barrenta, dificultando a visão dos peixes.

³³ Cesto feito de palha.

Sabino: Rapaz, esse rio é uma riqueza. Criei meus filhos pescando nele. Quando queria comer peixe, era só ir lá. Quantas vezes não pegava um côfo cheio de peixe que nem dava conta de consertar³⁴

Domingos: Aquele rio era peixeiro demais, ele que salvava a gente. Não tinha nada roçado. Era mato, gapó³⁵. Quando eles invadiam, faziam uma tapagem, a gente apanhava peixe demais. Vinha gente de longe. Era uma fartura de peixe.

Há uma espécie de ritual intrínseco ao costume da localidade e que está rodeado de regras e comportamentos que ainda tem mantido essa prática pesqueira mas que aos poucos estão se perdendo.

No decorrer da pesquisa participante, percebi que há uma sequência de fatores que antecedem a pescaria de anzol e também à “invasão do açude”, que estão logo descritos abaixo.

4.7.1 Pescaria com Anzol

Como dito anteriormente, essa modalidade de pesca dá-se entre os meses de junho, indo até o final de julho. Acontece principalmente à noite, em que famílias inteiras deixam seus lares e se acampam na beira do igarapé, na esperança de trazer um “côfo” cheio de peixes para a complementação alimentar.

No período em que estive presente, constatei uma família quase completa, inclusive havia um bebê sendo amamentado nas margens do igarapé; algo em torno das 14:30h, já se preparando para a pescaria à noite; fato esse que me levou a pensar o porquê daquela atitude da mãe em expor seu filho à um ambiente que pode ser nocivo àquela criança, haja vista a quantidade de insetos e animais peçonhentos que povoam aquele igarapé.

Para se ter uma boa pescaria, há uma preparação antecipada, conforme foi constatado na pesquisa realizada.

4.7.2 Planejamento

Antes de se deslocarem para a beira do rio, os moradores fazem uma previsão das condições necessárias para terem sucesso em sua pescaria, como por exemplo: céu nublado, presença da lua. Qualquer um desses fatores presentes podem comprometer a empreitada e o pescador voltar sem nenhum peixe no “côfo” – pescaria frustrada.

No quesito céu nublado, tem-se o risco de chover, o que poderá ocasionar de o peixe não “pegar” no anzol, além do incômodo de o ambiente ficar escorregadio. Quando a lua estiver

³⁴ Tratar o peixe para o consumo.

³⁵ Igapó

muito iluminada, o peixe dificilmente “pega”, visto a claridade e o reflexo da luz na água, levando o mesmo a se esconder.

Entrevistador: A lua atrapalha a pescaria?

Sabino: Pra pegar muito peixe, quanto mais suturno³⁶ melhor. O peixe fica encandeado com a luz, aí, ele se esconde. E fica só as piabas roubando as iscas.

Para se proteger da chuva, alguns pescadores constroem tijupás, que são pequenas casas cobertas de palhas que servem de abrigo durante o período da pesca; sendo necessário cobri-los em anos alternados. No período em que estivemos observando a pesca no Açude, o senhor Sabino construiu um tijupá (**Figura 9**), com madeira e palha. Bem do lado, às margens do igarapé, ele fez um pesqueiro – construiu um jirau, colocou toras de madeira no fundo, na direção do mesmo.

Entrevistador: Sabino, pra que colocar esses paus no fundo do rio?

Sabino: É pro peixe encostar; se esconder. Aí, quando chegar a noite, é um atrás do outro, se a pescaria for boa, a gente enche o côfo e vai embora.

Figura 9: Tijupá – jirau – pesqueiro.



Fonte: Canidé, 2020.

No dia da pescaria, ficamos até às duas horas da madrugada; pegamos cerca de três dúzias de peixes, em sua maioria, jandiás. Pois por volta das vinte horas, choveu bastante, o que tornou a pescaria inviável, pois o ambiente estava muito molhado e escorregadio.

³⁶ Escuro.

Para se ter uma boa pescaria, é necessário a correta escolha das iscas, que podem ser de “bicho”, de minhocas; de carne, coração e moela de aves, além das iscas de piabas, que são boas para se pescar o jandiá.

Figura 10: Pescadora quebrando tucum, para retirar o “bicho” para pescar.



Fonte: Canidé, 2020.

Para o pescador obter o “bicho” – uma larva branca encontrada nas amêndoas de coco babaçu e no tucum (**Figura 10**), muito apreciado por todas as espécies de peixes existentes nos igarapés, é feita uma garimpagem na mata em busca das amêndoas que realmente tenham essas larvas, o que poderá durar um dia inteiro, para se ter uma quantidade satisfatória de iscas. Isso não é nada fácil e, também tem os seus perigos.

Sabino: Quando caçava bicho de coco, na beira duma coqueira, quase eu pegava um bolo de cobra que tava enrolada, era uma cascavel; peguei um talo de três braças e tutuquei a bicha, ela deu um bote e caiu pertinho de mim, peguei o facão, cortei ela, e enterrei a cabeça prá não envenenar ninguém.

As iscas de minhocas se obtêm na margem do rio, onde são feitas pequenas escavações, próximas aos vestígios deixados por essas larvas escuras. Esse tipo de isca é muito bom para a pesca de piabas.

Já as iscas de piabas podem ser obtidas através de litros, tarrafas, puçás e o próprio anzol, onde são cortadas e conservadas em um pequeno recipiente fechado, que ficará disponível no “côfo”. Também, é necessário a correta escolha dos anzóis, que variam de tamanho, tipo de vara, grossura da linha e “estrovo” – parte metálica que fica entre a chumbada

e o anzol, para impedir que a linha seja cortada pelos peixes, principalmente traíras e piranhas. Munido desses materiais: faca, ou facão, os anzóis, a lamparina, alguma coisa para comer e beber e outros acessórios, tem-se uma espécie de *kit* de pesca, que será levado para a beira do rio.

4.7.3 Pesqueiro

Um outro fator determinante para um bom resultado na pescaria é a escolha do pesqueiro, que é o local onde as pessoas se fixam e, na maioria das vezes há brigas e conflitos pela aquisição dos melhores espaços.

Esses locais de pescas geralmente guardam uma carga história de contos, visões e lendas, presenciados por pescadores no decorrer da sua construção. Há relatos de pessoas que nas proximidades dos pesqueiros, haviam presenciado homens virando morcego, lobisomens, gritos desconhecidos, pescadores fantasmas e outras aparições.

Os pesqueiros são identificados pelas famílias que os criaram. De acordo com os relatos do senhor Jorge, existiam quatro pesqueiros principais: o pesqueiro da cuieira, onde pescavam as famílias Bolo e Cruz; o pesqueiro porco de espinho – que era o maior – pescavam as famílias Canindé, Rodrigues e todo o pessoal do Carnaubal; no pesqueiro sangrador, pescavam as famílias Luz e Barbosa; as demais famílias ficavam em pesqueiros e locais diversificados como: poção da laje, passagem etc. Algumas sobrenomes que aparecem aqui, são ramificações das famílias principais, que chegaram na comunidade.

4.7.4 Invasão do Açude

Este é o instante mais esperado por muitos pescadores, é quando se permite a “invasão” do igarapé. Nesse momento, tem-se livremente a pesca de todas as formas e maneiras: anzol, rede, malhadeira, tarrafa, mão, puçá, socó (choque), espinhel, linha à mão. Tudo é permitido.

O Açude é literalmente invadido. Uma grande quantidade de pessoas começam a entrar na água e revirar os galhos, raízes e pedras, em busca do pescado. A água fica totalmente suja – tordada – o que dificulta a visão dos peixes.

Figura 11: Pesca com socó (choque) e tarrafa.



Para facilitar, os pescadores colocam toras ocas de madeira, que servem como esconderijo para os peixes, e ao retirar essas toras, tem-se uma grande quantidade de pescado; às vezes dá para “encher um côfo e ganhar o dia” como relatado pelo senhor Sabino.

Nesse período de “invasão” do Açude, há uma considerável diminuição do nível de água, seja pela evaporação, pela infiltração ou mesmo pelo consumo dos animais, além de deixar o igarapé com uma água barrenta e imprópria para o consumo humano. Houve anos em que o igarapé chegou a secar totalmente, já que não é um rio perene. Quando isso acontece, há uma grande tristeza por parte dos pescadores, mas, ao mesmo tempo, ficam esperançosos pela possível fartura, que chegará no próximo período chuvoso.

Figura 12: Cardumes de Curimatá visto na superfície.



Fonte: Canidé, 2020.

Caso não chova até o mês de fevereiro, muitas pessoas fazem promessas a santos; promovem procissões, onde carregam em suas cabeças, pacotes de sal, oferendas para que a divina providência responda com a tão esperada chuva. Esse ritual, já não se vê mais com as novas gerações.

Passado o período de estiagem, em que muitos animais, aves e peixes não sobreviveram à falta de água, tem-se a chegada do período chuvoso. Nesse período há muitas enchentes; o igarapé fica cheio e seus afluentes transbordam. O peixe sobe rio acima à procura de alimentos e ali, tem-se a desova, o que favorece mais um ano de fartura e a manutenção do ciclo que mantém a cultura da pesca em Montes Claros. Nesse período, vários peixes saem do rio principal e entram nos afluentes, nas correntezas, no campo inundado, entre o capinzal, em busca de local seguro para depositar seus ovos, onde irão multiplicar sua espécie e nutrir as pessoas e animais.

Ao longo desta pesquisa, percebemos o quanto é importante a evocação das memórias, das narrativas, lembranças e dos relatos das pessoas, que podem nos fornecer caminhos para uma melhor compreensão do mundo em que vivemos. As manifestações coletivas podem ser compartilhadas por diferentes culturas e, com isso, agregar valor aos indivíduos envolvidos. A memória procura sempre atualizar o passado, Chauí (2000), que se cruza com o presente e futuro, Delgado (2009), em uma espécie de encadeamento permanente.

Conseguimos extrair, durante este trabalho, vários direcionamentos para a formação de uma compreensão mais robusta e certa sobre o lugar. Diante dos fatos narrados e das anotações realizadas, chegamos à conclusão de que existe uma narrativa que, em parte, confirma a hipótese levantada.

Pelos relatos orais, vimos que havia chegado um grupo de retirantes, com fortes indícios de que estavam vindo da Região Nordeste, pois existe alguma semelhança nas celebrações, nas atividades e na própria fisionomia dos moradores. Quanto às celebrações, existe um lugar, no norte do Estado do Ceará, chamado de Canindé e que tem um Santuário, cujos festejos, se assemelham um pouco ao que é celebrado em Montes Claros. Também, há semelhanças nas atividades desenvolvidas, principalmente na extração de carnaúba para a confecção de vários produtos.

Uma outra característica detectada foi a fisionomia, a aparência de alguns moradores mais antigos; uns têm olhos azuis, outros são bem altos e de cor clara. Isso diz respeito basicamente às famílias vindas do Ceará. Quanto às demais famílias, ao ouvir as fontes orais consultadas, não foi possível estabelecer qualquer conclusão sobre suas origens. Daí, tem-se um espaço em aberto para novos direcionamentos, pois ainda existem questionamentos a serem

feitos e que serão respondidos em investigações mais complexas para se obter as respostas necessárias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo o processo de construção da vida social, houve momentos de adversidades e conquistas. Adversidades como sendo atividade motora para a busca de novas formas de adaptação; novas habilidades; maneiras de lidar com o estranho ou práticas desconhecidas; seja no contato com outras culturas, ofícios, modos de fazer e até mesmo em novos lugares que se pretenda fixar. Conquistas, no sentido de melhorar a vida coletiva, logrando efeitos positivos e duradouros com a intenção de preservar, ao longo do tempo, os feitos realizados por uma determinada geração, com o intuito de torná-los conhecidos na geração seguinte e assim por diante.

Este trabalho foi desenvolvido com o intuito de contar um pouco da história de formação de Montes Claros. Como já informado, ele foi idealizado, durante a realização de um trabalho etnográfico, às margens do Açude, onde, conversando com alguns moradores achamos que suas origens estavam ligadas aos fenômenos das secas, daí, poderíamos construir uma narrativa ligando-a às dificuldades vividas pelos seus ancestrais, que procuravam um lugar melhor para sobreviver, com isso, precisavam se deslocar para outras regiões.

O nosso objetivo foi extrair informações através da coleta de dados, ouvindo relatos contados por diversos moradores, em especial os mais antigos. Procuramos compreender as abordagens dos autores, com isso, percebemos o quanto as memórias e narrativas foram importantes para o desenvolvimento da humanidade, pois aprendemos, nas obras pesquisadas, que desde os tempos remotos, em que o mundo era envolto numa visão mítica, folclórica das coisas, os fatos eram sacramentados basicamente no conhecimento empírico, mas que aos poucos, foram se dissipando e alcançando novos olhares, com vistas a compreender a evolução da humanidade.

Saindo do mundo mitológico, abordamos que as memórias, as lembranças e narrativas foram úteis durante a Idade Média, sendo capturada pela doutrina cristã, depois ressuscitada nos séculos seguintes, mais adiante, aprisionada nos mais variados aparatos tecnológicos, e, mesmo em uma aparente prisão, ainda se encontra imortalizada nos indivíduos e que serão evocadas nas gerações seguintes.

Diante das adversidades e conquistas, podemos dizer, que logramos êxito em abordar esta temática, seja pelas buscas realizadas em materiais acadêmicos; seja pelas experiências vividas ao longo do desenvolvimento deste trabalho, ou até mesmo, na árdua tarefa de fazer as devidas conexões entre os elementos materiais adquiridos e os dados subjetivos extraídos das vivências, lugares e fontes orais pesquisadas. A estadia no lugar e o convívio com as fontes, foi

um momento muito promissor. Ficará na memória, para nutrir as lembranças que serão resgatadas na posteridade.

Entendemos que esta pesquisa não esgota o seu objeto. Há uma necessidade de aprofundamento, através de fontes objetivas e oficiais que irão consolidar dados e informar a narrativa mais concreta sobre a formação histórica do povoado Montes Claros. Muitas fontes ainda precisam ser ouvidas, tanto próximas quanto distantes, pois, quando não se têm elementos suficientes para consolidar um determinado fato, a verdadeira narrativa se torna mais remota e complexa.

Memória coletiva, memória individual são interdependentes e se esforçam para se manterem unidas e úteis para a criação de narrativas livres de ideologias, aprisionamentos e controles externos que estão sempre tentando contar a história que lhes convém, sem considerar as particularidades do indivíduo que é a fonte viva do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História:** da escolha do tema ao quadro teórico – 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos – 2. ed. São Paulo: Contraponto: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003.
- BRAGA, Flávio. **Dicionário do Baixadês:** coletânea de termos, expressões e provérbios populares da baixada maranhense. São Luís: 360º Gráfica e Editora Ltda, 2014.
- BRASIL. Ministério Do Desenvolvimento Regional/DNOCS. **História.** Brasília: MDR, 2013. Disponível em: <<https://www.gov.br/dnocs/pt-br/aceso-a-informacao/institucional>>. Acesso em: 27 mai. 2022.
- BRASIL. Ministério Do Desenvolvimento Regional/MDR. **O Projeto.** Brasília: MDR, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdr/pt-br/assuntos/seguranca-hidrica/projeto-sao-francisco/o-projeto>>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo, Ática, 2000.
- DELGADO, L. de A. N. **História oral e narrativa:** tempo, memória e identidades. História Oral, 6, p. 9-25, 2009. Disponível em <<https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.62>>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** – 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.
- JUNIOR, Laércio. **Moradores sofrem com a falta de energia no Povoado Montes Claros.** YouTube, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rQhouH4OBcg>>. Acesso em: 10 ago. 2019
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Unicamp, 1990. Disponível em <<https://doceru.com/doc/x8sse>>. Acesso em 22 out. 2019.
- MEIHY, José Carlos S. B.; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas:** história oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2020.
- MEIHY, José Carlos S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral:** como fazer, como pensar. – 2. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

MONTEIRO DOS SANTOS, Alípio Felipe. **Memórias e Etnogênese das comunidades quilombolas do território do Caruma, Pinheiro, Maranhão**. São Luís. UFMA, 2021.

NUNES, L. F. C. V., & Medeiros, P. H. A. (2020). **Análise histórica da severidade de secas no Ceará**: efeitos da aquisição de capital hidráulico sobre a sociedade. *Revista de Gestão de Água da América Latina*, 17, e18. Disponível em: <<https://doi.org/10.21168/rega.v17e18>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. São Paulo: UNESP, 2010.

APÊNDICE

APÊNDICE A

ENTREVISTAS – ROTEIRO³⁷

Tipologia empregada: História de Vida.

Classificação: Entrevista não estruturada – Observação participante.

Obs.: mesmo sendo entrevista não estruturada, tem-se alguns elementos importantes quando da abordagem do entrevistado, a saber: a apresentação do entrevistador; os objetivos da pesquisa, além da informação sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Questionamentos individuais para a História de Vida.

- 01 – Identificação (nome, idade, família).
- 02 – Que lembranças você tem sobre os primeiros moradores deste povoado?
- 03 – Quais atividades econômicas (especificar) eram realizadas na comunidade?
- 04 – E sobre as atividades culturais (festejos, tradições...), como eram?
- 05 – Conte-nos sobre outros assuntos: educação, lendas, visagens, cemitério.
- 06 – Nos fale sobre a atividade pesqueira no igarapé Açude.

³⁷ Adaptado da dissertação de MONTEIRO DOS SANTOS, Alípio Felipe. **Memórias e Etnogênese das comunidades quilombolas do território do Caruma, Pinheiro, Maranhão**. São Luís. UFMA, 2021.